

A Decadência da Democracia Norte-Americana



Gaudêncio Torquato (*)

"Tomara que você seja deportado: uma viagem pela distopia americana", livro do jornalista Jamil Chade, lançado recentemente, é o retrato mais agudo da decadência dos EUA.

A nação até então aclamada como a mais poderosa democracia do mundo é retratada após um percurso de milhares de quilômetros feito pelo experiente Chade, atravessando o país do norte ao sul, passando por dez Estados, cruzando a fronteira americana com o México, conversando com refugiados e com seguidores fanáticos de Donald Trump, entre os quais Jake (Jacob Chansley), conhecido como o "Viking do Capitólio", que ficou famoso pela roupa que usava na invasão do Capitólio, em 6 de janeiro de 2021, assim descrita por Jamil Chade que o entrevistou num restaurante em Phoenix: "capuz de pele animal adornado com chifres, torso nu e o rosto pintado com as cores da bandeira dos EUA".

A erosão da democracia estadunidense e de seu tecido social esfacela a imagem da nação como farol da liberdade, democracia e prosperidade. A nação que venceu duas guerras mundiais, que liderou a reconstrução da Europa pelo Plano Marshall, que colocou o homem na Lua e exportou para o mundo a promessa do "sonho americano" agora enfrenta sinais claros de decadência, com profundas rachaduras no seu edifício político. Sinais palpáveis de que o sonho americano não se sustenta mais, no resumo feito pelo cineasta Walter Salles no prefácio do livro: aumento da pobreza absoluta; contrição das mídias; deportação em massa de imigrantes; censura às universidades públicas e privadas; suspensão do financiamento à pesquisa científica; ataque feroz a todas as formas de minorias; desregulamentação das mídias sociais como ferramenta de controle social; negacionismo climático e neutralização do Poder Legislativo.

É oportuno frisar que não se trata apenas de uma oscilação cíclica, como tantas outras da história americana, mas de uma conjunção de crises que atingem economia, política, cultura e moral coletiva. O milagre econômico do pós-guerra fez emergir a mais robusta classe média da história, sustentáculo da democracia e da coesão social. Mas, hoje, a financeirização da economia, a automação e a globalização deslocaram empregos industriais, enquanto o 1% mais rico acumula fatias recordes da riqueza nacional. Famílias endividadas, jovens sufocados por empréstimos estudantis e trabalhadores presos a empregos precários simbolizam o esgarçamento do pacto social.

A política americana mergu-

lhounuma polarização sem precedentes desde a Guerra Civil.

Democratas e republicanos parecem habitar universos paralelos, sem pontos de convergência. A invasão do Capitólio, por seguidores de Donald Trump, expôs ao mundo a fragilidade das instituições de uma nação que sempre se viu como guardiã da democracia. A confiança nas instâncias de poder — Congresso, Suprema Corte e até na imprensa — despenca a cada ano.

Epidemias de drogas como o fentanyl, explosão de moradores de rua em cidades ricas, violência armada crônica e declínio educacional completam o retrato sombrio. Enquanto isso, disputas ideológicas transformam escolas e universidades em campos de batalha culturais, corroendo o consenso sobre valores básicos.

No cenário internacional, os EUA já não desfrutam da hegemonia incontestável do século XX. A ascensão da China, a multipolaridade global e os fracassos no Oriente Médio expõem limites à capacidade americana de ditar os rumos do planeta.

A história ensina que civilizações não desmoronam de um dia para o outro. O Ocidente, diria Spengler, conhece ciclos de ascensão e declínio. O que se vê hoje nos EUA pode ser apenas mais um capítulo de reinvenção ou, quem sabe, o prenúncio de uma transição para um mundo em que a superpotência de outrora se torna apenas mais uma potência entre outras.

Jamil Chade é lapidar:

- Presenciei uma democracia na corda bamba;

- Fiquei sem ar diante da asfixia das conquistas duradouras obtidas por mulheres, pelo movimento negro e por outros grupos minoritários;

- Testemunhei nos olhos de imigrantes o medo em suas almas dilaceradas pela incapacidade de serem aceitos como seres humanos;

- Senti o poder da desinformação e seu abalo no tecido social de uma nação;

- Mas vi também resistência, indignação, lágrimas e luta nas trincheiras das ruas.

Sentado na poltrona do poder, um líder desalmado e arrogante chega ao ponto de fazer campanha de marketing para ganhar o Prêmio Nobel da Paz, o que seria a maior mácula à lareira em todos os tempos.

A democracia americana resgatará seu ideário?

O futuro dirá se a América ainda é capaz de reinventar seu próprio sonho.

(*) Escritor, jornalista, professor titular da USP e consultor político

Surge o primeiro caso de homicídio induzido por IA

Vários suicídios já foram atribuídos, ao menos em parte, ao uso de ferramentas de inteligência artificial (IA). Agora, surge o que pode ser o primeiro homicídio relacionado a essa tecnologia.

Vivaldo José Breternitz (*)

Segundo o Wall Street Journal, a polícia de Greenwich, no estado de Connecticut, encontrou em 5 de agosto, o corpo de Stein-Erik Soelberg, de 56 anos, um veterano da área de tecnologia, e o de sua mãe, de 83, na casa em que viviam juntos.

De acordo com as autoridades, Soelberg matou a mãe e depois tirou a própria vida. Ele sofria de transtornos mentais, não tratados, aparentemente agravados por suas interações com o ChatGPT, da OpenAI.

O Wall Street Journal analisou o histórico digital de Soelberg e localizou suas conversas com o chatbot, a quem ele chamava de "Bobby". Nessas interações, o sistema não contrariava suas ideias paranoicas, como a crença de que a mãe o estaria envenenando por meio de drogas psicodélicas lançadas pelo sistema de ventilação de seu carro, e, em vez disso, parecia reforçá-las.

Em um episódio, Soelberg chegou a enviar a imagem da nota de um restaurante chinês pedindo que a IA buscasse nela "mensagens ocultas". A resposta do chatbot incluiu referências à mãe, à ex-namorada, a agências de inteligência e até a símbolos satânicos.

Com passagens por empresas como Netscape, Yahoo e EarthLink, Soelberg estava desempregado desde 2021. Apesar de seu divórcio, em 2018, passou a viver com a mãe. Seu estado mental se deteriorou nos últimos anos: tentou suicidarse em 2019 e foi detido diversas vezes por embriaguez em público e direção sob efeito de álcool. Em fevereiro, após ser novamente flagrado dirigindo embriagado, afirmou ao ChatGPT



que a cidade estava "contra ele", recebendo como resposta que a situação "parecia uma armação".

O Wall Street Journal teve acesso a 23 horas de vídeos publicados por Soelberg em redes sociais, mostrando diálogos em que a IA reforçava a sensação de perseguição, chegando a garantir que ele não estava delirando.

Esse fenômeno é chamado popularmente de "psicose por IA": quadros de delírio e desconfiança agravados pelo contato com ferramentas de IA generativa. Embora não seja um termo clínico, relatos semelhantes têm aumentado; queixas a autoridades dos EUA incluem casos de pessoas incentivadas pela IA a desconfiar de familiares ou a suspender o uso de medicamentos.

Há alguns dias, a OpenAI publicou uma

nota reconhecendo a gravidade do problema. A empresa afirmou trabalhar para que seus sistemas identifiquem sinais de sofrimento mental e possam direcionar usuários a cuidados adequados.

Ainda não há estudos científicos que quantifiquem a extensão do que vem sendo chamado "psicose por IA". Mas, segundo um psiquiatra da Universidade da Califórnia entrevistado pelo Wall Street Journal, apenas neste ano ele já tratou 12 pacientes internados por emergências de saúde mental diretamente ligadas ao uso dessas ferramentas.

Esse é um tema que merece muita atenção de todos: empresas que fornecem esses produtos, pessoal da área médica, educadores e famílias. O perigo é grande.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor e consultor – vjnitz@gmail.com.

A vantagem competitiva das empresas está na forma como contratam tecnologia

A tecnologia deixou de ser diferencial e se tornou requisito básico para a operação das empresas. O verdadeiro impacto da transformação digital não depende apenas do software adotado, mas da maneira como ele é contratado, integrado e gerido. Projetos que privilegiam modelos rígidos de contratação, consultorias focadas em horas e líderes que tratam a implementação como um item de checklist acabam comprometendo resultados. Segundo a McKinsey, 70% das transformações digitais não atingem os resultados esperados, em grande parte devido à falta de talentos certos e modelos operacionais adequados.

O sucesso das iniciativas digitais está diretamente ligado ao capital humano e à estrutura de entrega. De acordo com o BCG, apenas 30% das empresas conseguem capturar todo o valor esperado de projetos de transformação digital, sendo a capacitação da equipe e a escolha do modelo operacional os fatores mais determinantes. Times de alta performance compostos por especialistas selecionados e com autonomia podem gerar até 3,5 vezes mais valor do que equipes tradicionais contratadas por hora, segundo estudo da Harvard Business Review.

Modelos de contratação inefficientes elevam custos e atrasam resultados. O Standish Group aponta que 52% dos projetos de TI ultrapassam orçamento ou prazo devido a desalinhamento entre fornecedores e objetivos de negócio. Além disso, segundo a Gartner, empresas que avaliam fornecedores apenas por métricas de

Divulgação



Éric Machado

estratégicas com consultorias externas apresentam 32% mais chances de superar concorrentes em crescimento de receita e inovação, segundo a Accenture. Esses dados reforçam que a vantagem competitiva surge da gestão inteligente das parcerias, não da tecnologia em si.

Alguns podem argumentar que software avançado sozinho é suficiente para transformar uma empresa, mas a experiência do setor mostra o contrário. Gartner projeta que até 2026, 60% dos investimentos em tecnologia serão decididos com base no modelo de entrega e integração, e não apenas na escolha do software. Além disso, relatórios do LinkedIn indicam que habilidades em cloud, inteligência artificial e ERP estão entre as mais demandadas globalmente, mas a oferta de profissionais melhores qualificados continua escassa, tornando a gestão do capital humano ainda mais crítica.

Portanto, o foco das empresas deve estar na forma como contratam e estruturam a tecnologia, integrando especialistas, adotando métodos ágeis e definindo métricas orientadas a valor. Essa abordagem não apenas maximiza o retorno sobre o investimento, mas também acelera a transformação digital, fortalece a capacidade de inovação e cria vantagens competitivas sustentáveis em mercados cada vez mais complexos e rápidos.

(Fonte: Éric Machado é CEO, especializado em gestão de Tecnologia da Informação (TI) e Supply Chain).

News @TI

AASP lança ferramenta que garante segurança na coleta de provas digitais

À AASP – Associação dos Advogados acaba de lançar, durante o 16º Encontro Anual, a AASP Verifica, uma ferramenta que facilita a coleta de provas digitais com total segurança, integridade e autenticida-

de. A novidade chega para apoiar profissionais do Direito que precisam registrar conteúdo online — como mensagens, páginas da web e redes sociais — de forma confiável e com respaldo técnico. O AASP Verifica está disponível nas versões para computador (Web) e smartphone (aplicativo). A versão web é ideal para capturar sites, documentos digitais e redes sociais diretamente do computador.

ricardosouza@netjen.com.br

José Hamilton Mancuso (1936/2017)

Laurinda Machado Lobato (1941-2021)

Responsável: Lilian Mancuso

Webmaster/TI: Fabio Nader; Editoração Eletrônica: Ricardo Souza.

Revisão: Maria Cecília Camargo; Serviço informativo: Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.